

NOS SONHOS DE DALÍ





Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

NOS SONHOS DE DALÍ



Texto
Daniela Chindler
Roteiro
Alexandre Diniz
Ilustrações
Bruna Assis Brasil

Como saber se estamos sonhando ou acordados?

Esta é uma história que passa por paisagens fantásticas, lugares que se tornaram reais. Ou melhor, muito mais que reais, surreais. E, para conhecê-la, vamos viajar na geografia/espaço.

Nossa bússola será esse relógio de bolso. Sim, antigamente era fino usar relógios no bolso da casaca.



Você está pronto? Vamos girar os ponteiros para trás, em direção ao ano de 1450. Ajuste os ponteiros para voltamos 564 anos! Vamos para a região que hoje conhecemos como Holanda, na época do Renascimento.

Preparado? Mas calma. Como vamos aterrisar em um ateliê, antes de partirmos é melhor conhecermos alguns dos temas da pintura da época. Imagine que no século XV não existiam as máquinas fotográficas. Então os pintores se dedicavam a pintar retratos. E quem podia se dar o luxo de ter um retrato pintado? Reis, rainhas, príncipes, duques, condes, barões (os nobres em geral), os mercadores ricos (os burgueses) e sacerdotes da igreja (o clero). Além de retratos, outro tema da pintura eram as cenas da bíblia. Eram poucas as pessoas que sabiam ler e escrever, por isso a igreja contava as passagens bíblicas através de imagens. E havia regras para as pinturas religiosas, como quando santos apareciam eles deveriam ser bem maiores do que os homens, para mostrar a diferença entre os seres divinos e as pessoas comuns.

Agora, sim! Um, dois, três e já! Lá vamos nós!



Em 1450, nasceu na Holanda um homem chamado Hieronymus Bosch. Dizem que ele nunca saiu de sua cidade, mas, lá mesmo, criou um mundo inteiro, novo e diferente. Como pode isso?

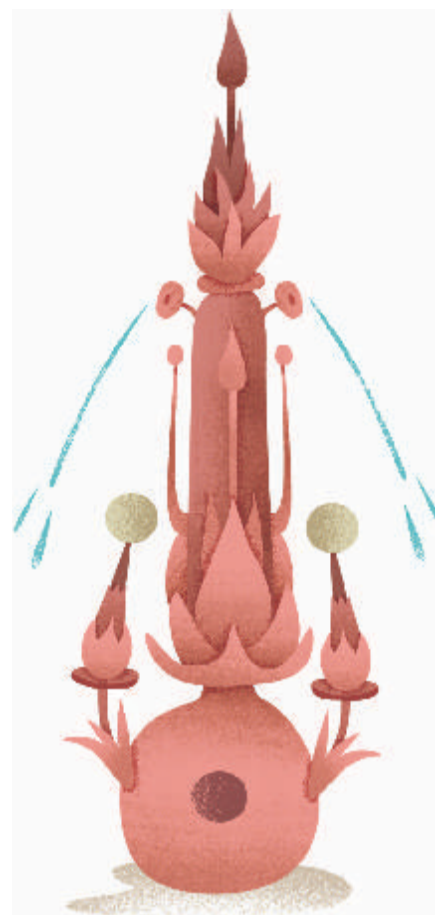
Bosch era pintor e flamengo. Não, ele não era torcedor de nenhum time de futebol, mas assim eram conhecidos aqueles que nasciam na região. A pintura flamenga tinha como temas os retratos e as cenas do dia a dia. Bosch, porém, como os pintores italianos da sua época, se dedicou também a pintar cenas da bíblia. Ele retratou a história de Adão e Eva sendo expulsos do Éden, o Paraíso, porque comeram do fruto proibido, morderam a maçã.



No quadro O jardim das delícias terrenas tem um unicórnio – animal que os homens acreditavam existir e que representa a pureza –, e outros bichos que o artista talvez nunca tenha visto de perto, mas que já ouvira falar – como a girafa e o elefante –, além de personagens que pareciam saídos de contos de fadas, como um pássaro de três cabeças. Essa paisagem do Bosch era bem diferente das telas religiosas pintadas na época! Ela poderia ser um sonho... ou um pesadelo! Nesta mesma tela existem construções misteriosas, como o que parece ser uma fonte cor de rosa; morangos enormes; um par de orelhas gigantes; e um pássaro sentando em uma cadeira que engole pessoas. Talvez a mais estranha seja uma criatura que parece uma colagem, porque tem cabeça de homem, corpo de casca de ovo, duas pernas que são troncos de árvores e barcos no lugar dos pés.



Que tal desenhar a sua paisagem de sonho? Aqui está uma das construções misteriosas que aparece na pintura do Bosch. Você pode escolher outras figuras ao lado e misturar com seu desenho.



Agora vamos acertar os ponteiros para 468 anos à frente.

O mundo deu muitas voltas, o tempo correu. Estamos na Suíça, durante a Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918). A Europa estava devastada e sem esperança. A guerra havia durado quatro anos e envolvido 18 países. Cidades inteiras foram destruídas e o número de mortos era enorme, não apenas de soldados, mas também de civis! Foi então que um grupo de artistas começou a dizer que era absurdo acreditar na razão, já que justamente a razão e a ordem tinham levado o mundo para uma guerra tão terrível!



Você já teve aquela vontade de ser “do contra”, de mudar tudo? Pois era justamente essa a vontade desses artistas reunidos na cidade de Zurique, na Suíça. Eles criaram um movimento que se chamou Dadaísmo. Ou, simplesmente, Dadá.

Dizem que o nome Dadá foi escolhido assim: o grupo abriu um dicionário de alemão-francês, folheou as páginas, assim, ao acaso, e pararam na palavra Dadá... Dadá é como as crianças francesas chamam “cavalo de brinquedo”. É também o primeiro balbuciar emitido pelos bebês: DADÁ... DADÁ... DADÁ...

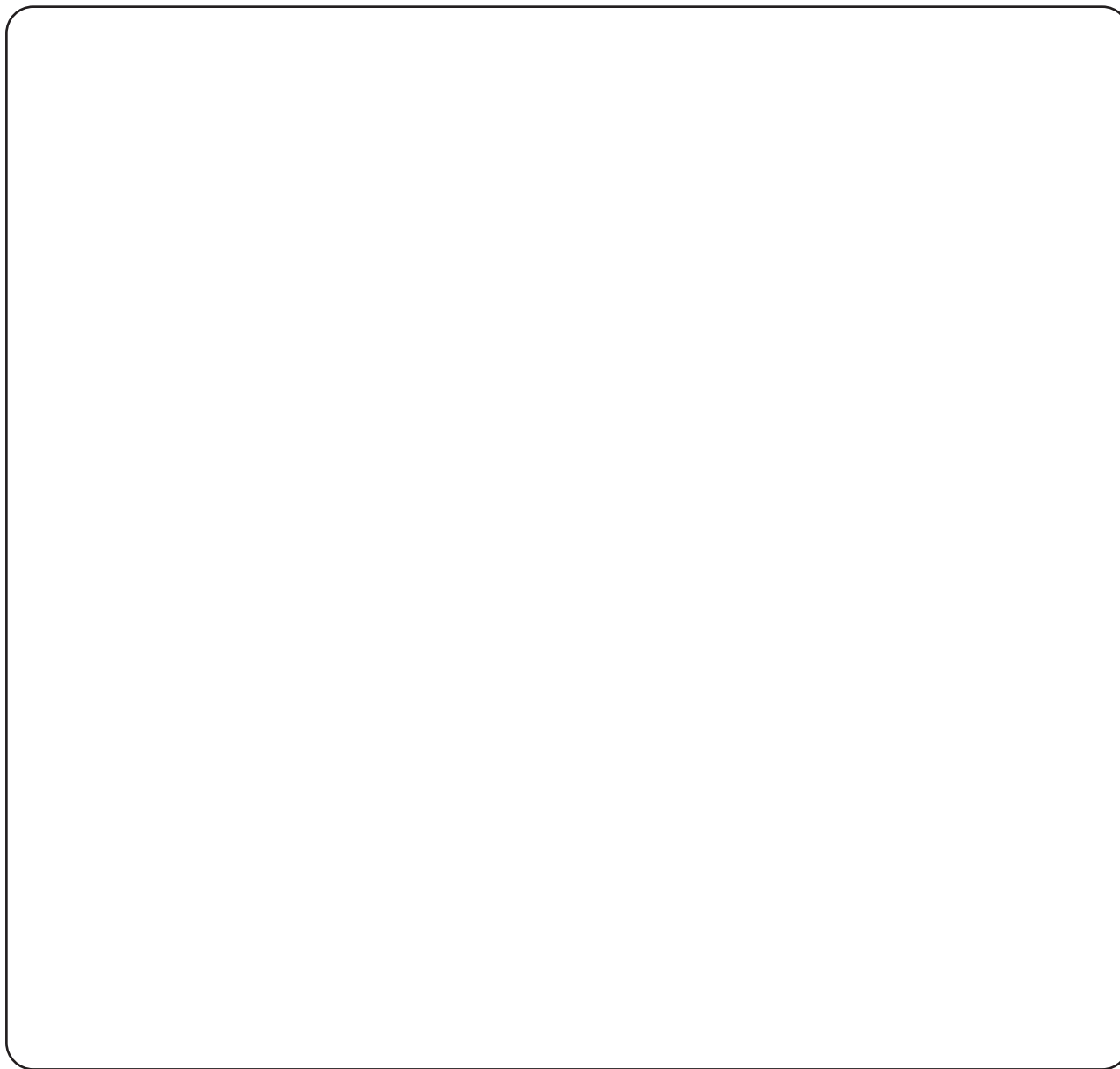
Apresento agora: Tristan Tzara, poeta romeno-francês. Seu nome artístico queria dizer “triste na terra”, escolhido como lembrança dos maltratos aos judeus na sua terra natal, a Romênia. Tristan Tzara escreveu o manifesto dadaísta. O manifesto é uma forma pela qual um grupo expressa seus pensamentos e divulga suas ideias para um grande número de pessoas. Politicamente, era um protesto contra uma civilização que não conseguira evitar a guerra e a destruição. Queriam uma arte que não olhasse para o passado, mas também não se mostravam otimistas com o futuro. Eles diziam não para tudo, e não apresentavam novas propostas.

O movimento se espalhou por várias cidades e chegou até os Estados Unidos. As apresentações e manifestações dos grupos dadaístas eram organizadas para chocar o público, eram escandalosas. Os dadaístas queriam confundir... Eles diziam que a verdadeira arte seria a antiarte. Estava chegando a liberdade: Dadá Dadá Dadá.

Receita de Tristan Tzara para fazer um poema dadaísta:

Pegue um jornal e uma tesoura. Escolha um artigo no jornal com o comprimento que deseja dar ao seu poema e recorte as palavras. Guarde-as recortadas em um saco e o agite suavemente. Depois retire os recortes um após o outro. Copie exatamente na ordem em que as palavras são tiradas do saco. O poema parecerá com você, que será um escritor criativo, mesmo que algumas pessoas não o entendam..

Escreva aqui o seu poema:





Quem poderia imaginar que um mictório (isso mesmo, o vaso que os homens usam para fazer xixi) virado de cabeça para baixo poderia ser exposto em uma galeria de arte com o título de Fonte? Ou uma roda de bicicleta encaixada em um banquinho se transformaria na obra Roda de Bicicleta (1913). Pois foi o que o pintor e escultor Marcel Duchamp fez. Ele retirava objetos do nosso dia a dia, como um escorredor de garrafas ou uma roda de bicicleta, e os levava para as galerias, expondo-os como obras de arte. Tirava-os do seu lugar e função normal, e os transformava em outra coisa, mostrando que um objeto era considerado arte dependendo do lugar em que era exposto. Esses objetos são chamados de ready made. Se traduzimos para o português, seria alguma coisa como “confeccionados”, “prontos”. Por conta de suas experimentações e ideias radicais a respeito da arte, Duchamp teve seu nome ligado ao Dadaísmo.

Duchamp também fazia sua crítica alterando pinturas famosas e valiosas. Sabe como ele fazia isso? A Mona Lisa, por exemplo, que todos conhecem, foi copiada e transformada em uma nova obra, quando ele acrescentou bigode e cavanhaque em seu rosto.

E por que estamos falando de Dadaísmo neste caderno? Como os dadaístas negavam tudo, acabaram fazendo isso com o próprio movimento, que... acabou. Muitos artistas que participaram do Dadaísmo foram para o Surrealismo. Ah, voltamos a falar desse assunto...



Em 1917, na cidade de Paris, o escritor Guillaume Apollinaire foi ao teatro assistir ao balé Parade, um espetáculo do Balé Russo a partir do Libretto de Jean Cocteau. Libretto é uma palavra italiana que significa livrinho. O libretto é usado nas óperas e balés e inclui tanto o roteiro da peça, quanto as músicas.



A história de Parade se passa em um parque de diversões com artistas de rua e de circo. Entre os personagens estão engolidores de fogo, palhaços, acrobatas e uma pequena garota. O compositor Erik Satie utilizou efeitos sonoros dentro da música, o que era muito incomum no balé. O barulho do digitar de uma máquina de escrever, das sirenes e dos tiros são alguns dos muitos sons estranhos ouvidos durante o espetáculo. Até garrafas de leite (naquele tempo o leite não vinha em caixinhas) foram empregadas para produzir sons.

Os cenários e figurinos foram criados por ninguém menos que o pintor Pablo Picasso. Picasso desenhou figurinos enormes usando as formas geométricas de edifícios e arranha-céus. Imaginem um bailarino vestido assim! Os trajes eram desconfortáveis e se destinavam a ser desajeitados, com os dançarinos pisando no palco como robôs para expressar o mundo moderno mecanizado e desumanizado.

Depois da apresentação, Apollinaire, admirado, disse que o espetáculo era uma verdade acima da realidade. “Sur”, em francês, quer dizer “sobre”. E foi assim que a palavra “surrealista” foi inventada.



Depois disso os ponteiros do relógio andaram e o tempo passou, mas só um pouquinho...

Vamos para 1924, quando o poeta André Breton escreve o Manifesto Surrealista. Você se lembra que o Dadaísmo também tinha um manifesto?

Esse manifesto diz que o Surrealismo é um caminho rumo ao mundo mental de infinitas possibilidades. É assim, como se encontrássemos um ponto na mente em que o real e o imaginado, o passado e o futuro, a frente e o atrás, o alto e o baixo, deixassem de ser contrários ou diferentes e passassem a ser uma coisa só. Sabe quando sonhamos coisas que parecem não fazer sentido? Os surrealistas queriam mostrar esse mundo nos textos e imagens que produziam



É aí que eu entro na história. Eu quem? Ora, veja os meus bigodes! Adivinhou? Salvador Dalí. Pronto, cheguei! Aposto que você estava me aguardando ansioso! Vamos continuar de onde paramos. Entrei no movimento surrealista com meu quadro *Jogo Lúgubre* (1929). Eu tinha 25 anos. Se você procurar no dicionário, “lúgubre” aparece como relativo à morte, aos funerais — fúnebre, macabro. Sentiu um arrepio com o título? Gostaria que você pensasse no nome do quadro mais como “jogo estranho”.

Nós, os surrealistas, nos apropriávamos de objetos do dia a dia para criar esculturas, como Duchamp. As minhas esculturas eram como colagens tridimensionais (com altura, largura e profundidade). Imagine uma colagem que não é feita com papel e cola, mas com objetos que você tem em casa. Quer ver o que fiz? Peguei um telefone e uma lagosta — isso mesmo, o crustáceo — e aí estava uma de minhas obras. Minhas esculturas criam fantasias “delirantes”. E esse telefone funcionava mesmo: Trim, trim.. Um amigo comprou quatro para a sua casa. Alô? Quem fala? Aqui é o Dalí.



Nesta página, você mesmo pode montar os seus objetos surrealistas:



+



=



+



=



+



=



+



=



+



=



Os surrealistas buscavam descobrir o que existe dentro da nossa mente, mas que, acordados e usando a razão, não conseguimos encontrar. Imagine que o nosso cérebro é um armário onde existem coisas guardadas que a gente não consegue achar. E sabe o que fazíamos para tentar encontrar esse lugar misterioso que mora dentro de nós? Realizávamos experiências, como a hipnose. Você já viu, nos desenhos animados, quando um personagem é adormecido com um relógio que se balança de um lado para o outro, de um lado para o outro e... pronto, a pessoa parece que está dormindo acordada? Quem está hipnotizado responde a perguntas que talvez não pudesse responder em outro estado, porque as respostas estão escondidas bem lá no fundo da gente. Outra coisa que fazíamos eram jogos com palavras ditas e escritas de supetão, sem tempo para pensar.

Experimente um jogo que usávamos. O nome dele é Cadavre Exquis. Em português chamamos de “Cadáver Esquisito”. Gostou do nome? UUUU! Podemos jogar assim: quatro pessoas criam frases ou desenhos coletivos, cada um fornece uma palavra ou uma parte de um personagem (cabeça, tronco, pernas e pés), sempre dobrando o papel para esconder a sua contribuição. O resultado é obra do acaso. Você conhece o pintor Miró? Acredito que algumas obras dele tenham sido criadas assim. Foi Miró quem me apresentou ao grupo dos surrealistas.



Com desenhos é a mesma técnica, mas cada um desenha uma parte do corpo. No final, temos vários corpos malucos, cadáveres esquisitos! O título do jogo vem de uma das primeiras frases formadas, "O cadáver esquisito beberá / o vinho novo".

Vamos jogar? Quem era? Cada um escreve a sua resposta em um papel, dobra-o para esconder a resposta e passe adiante. O que estava fazendo? Escreva e passe adiante. Com quem? Responda e passe. Em que lugar?

No final desdobre os papéis e leia as frases.

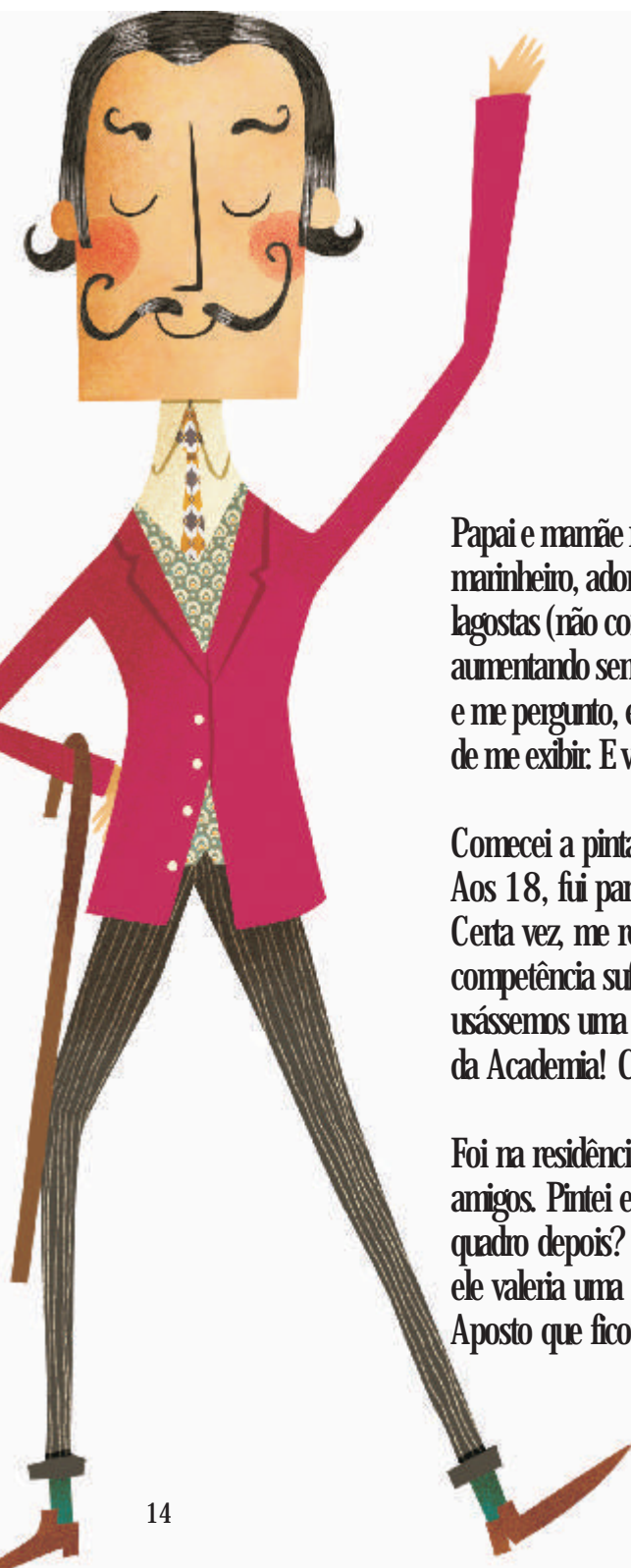


Eu e outros surrealistas representávamos sonhos e pesadelos. Sempre disse que meus quadros são "fotografias de sonhos pintadas à mão". Você se lembra da pintura do Bosch do começo deste caderno? Ele também passou por essa terra onde sonhos e pesadelos são irmãos. E de Freud, já ouviu falar? Outro bigodudo (e barbudo) interessado nos sonhos!

Sigmund Freud era um médico que estudava os pacientes que sofriam de problemas psiquiátricos. Como um detetive, ele teve a brilhante ideia de investigar o que contavam os sonhos de seus pacientes. Freud percebeu que os sonhos são como peças de um quebra-cabeça e revelam o que somos, nossos medos, angústias e vontades. Ele descobriu também que os sonhos são uma espécie de chave para a porta do Inconsciente. Conhecem essa palavra? In + consciente (lembrem de in + direto = indireto): inconsciente é o que não é consciente. Freud dizia que existem acontecimentos esquecidos da razão, mas guardados em algum lugar da nossa cabeça. Estas memórias não são acessíveis quando estamos acordados ou conscientes, elas estão no nosso inconsciente.

E é claro que eu quis trocar uma ideia com Sigmund. Levei até uma pintura minha, A metamorfose de Narciso, para Freud ver. Ele era o homem que estudava os sonhos, e eu o que os pintava! Eu dizia que o cérebro de Sigmund Freud tinha a forma de um caracol. Não sei se ele gostou desse comentário, mas eu era um grande admirador seu desde que li A Interpretação dos sonhos. Tenho até um quadro chamado Sono, que está na capa deste livro que você está lendo agora. Em 1939, (nossa, como o tempo passa rápido) viajei para Londres a fim de conhecê-lo. Eu tinha 35 anos e ele 83. Freud havia fugido da Alemanha e estava exilado em Londres. A Segunda Guerra Mundial havia começado.





Agora chegou a melhor parte deste caderno. A minha vida!

Sabe quais são as duas coisas mais felizes que podem acontecer a um pintor de hoje em dia? Primeiro, ser espanhol. E, segundo, chamar-se Dalí. Ambas me aconteceram

Nasci na cidade de Figueres, Catalunha, na Espanha, em 11 de maio de 1904. Me chamaram de Salvador Domingo Felipe Jacinto Dalí i Domènech, nome comprido como os bigodes que eu usaria no futuro. Tive um irmãozinho mais velho que morreu meses antes do meu nascimento, também chamado Salvador. Quando eu tinha cinco anos meus pais me contaram que eu era a reencarnação dele. Fiquei bem confuso!

Papai e mamãe me mimaram demais. Atendiam a todos os meus caprichos. Talvez por isso, além da fantasia de marinheiro, adorava me vestir de rei. Quando tinha seis anos queria ser cozinheiro, mas morria de medo de lagostas (não contem a ninguém). Aos sete anos queria ser Napoleão, e desde essa época minha ambição foi aumentando sem parar. Todas as manhãs eu experimento uma delicada alegria - a alegria de ser Salvador Dalí - e me pergunto, em êxtase: “que coisas maravilhosas esse Salvador Dalí vai realizar hoje?” Dizem por aí que gosto de me exhibir. E vou confessar uma coisa: é bem verdade!

Comecei a pintar cedo. Aos 13 anos papai organizou uma exposição familiar com meus desenhos a carvão. Aos 18, fui para Madri estudar na Academia de Belas Artes. Acho que eu era “um pouco” indisciplinado. Certa vez, me recusei a fazer as provas de Teoria das Belas Artes porque achava que nenhum professor tinha competência suficiente para julgar o meu trabalho. Numa aula de pintura, o professor nos propôs que usássemos uma estatueta da Virgem Maria como modelo e eu desenhei uma balança. Resultado: Fui expulso da Academia! Coisas da vida, ou melhor, da minha.

Foi na residência dos estudantes que conheci Federico García Lorca, o poeta, e logo nos tomamos melhores amigos. Pintei em sua homenagem o quadro O mel é mais doce que sangue; e sabe quem compraria o quadro depois? A estilista Coco Chanel, outra amiga. Mas esse quadro hoje está desaparecido. Que peninha... ele valeria uma fortuna incalculável. O estudo do quadro foi leiloado, em 2006, por 11 milhões de Dólares! Aposto que ficou de queixo caído!



Na minha primeira viagem a Paris, aos 22 anos, conheci Pablo Picasso, e conversamos por horas. Eu era seu fã. Por isso, muito respeitosamente, eu disse: vim conhecer você antes de conhecer o Museu do Louvre. E Picasso respondeu: fez bem!



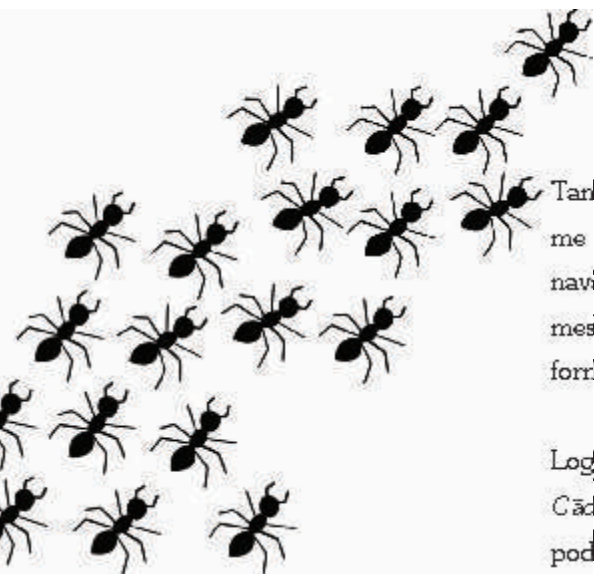
Veja o meu bigode: Nem sempre ele foi tão comprido!

Nos anos de 1920 era moda os bigodes curtos e rigorosamente aparados e o meu também era assim



Adotei o bigode fininho e pontudo para chamar atenção... e não é que funcionou? Me inspirei no pintor espanhol Diego Velázquez, do século XVII. Acho que o Velázquez também gostava de aparecer, porque ele pintava a si mesmo dentro da cena que estava retratando. Eu também fiz isso, você verá daqui a pouco, virando algumas páginas. E se você procurar bem no quadro que pintei aos 60 anos, chamado A apoteose do dólar, vai me achar de costas, vestido com uma túnica preta e gola branca, que adivinhe quem usava? Na minha casa na cidadezinha de Portlligat tenho na parede vários retratos de pessoas famosas com bigode, entre eles o rei da Espanha Felipe IV, o russo Stalin (tinha um bigodão bem grosso) e, é claro, Velázquez! Dica de beleza: fixar o bigode com açúcar de tâmara, infalível!





Também fiz amizade com o cineasta Luis Buñuel. Um dia, estávamos em um restaurante e ele me contou um sonho que havia tido com uma nuvem cortando a lua, como se fosse uma navalha cortando um olho. Você sabe que se é para pensar em coisas bizarras, eu sou um mestre. Eu lhe respondi contando meu sonho com uma mão de onde saíam formigas. As formigas estão sempre presentes na minha obra, dizem que representam a decadência...

Logo vimos que éramos “almas gêmeas”, que pensávamos parecido, e resolvemos filmar Um Cão Andaluz (1929). Combinamos que nenhuma imagem que tivesse uma explicação racional poderia ser usada. Achávamos que iriam vaiar o filme, e até nos atacar. Por isso fomos, por precaução, com pedras nos bolsos. Mas, os espectadores adoraram o filme! Vê se pode, a gente querendo chocar e todo mundo bate palmas..

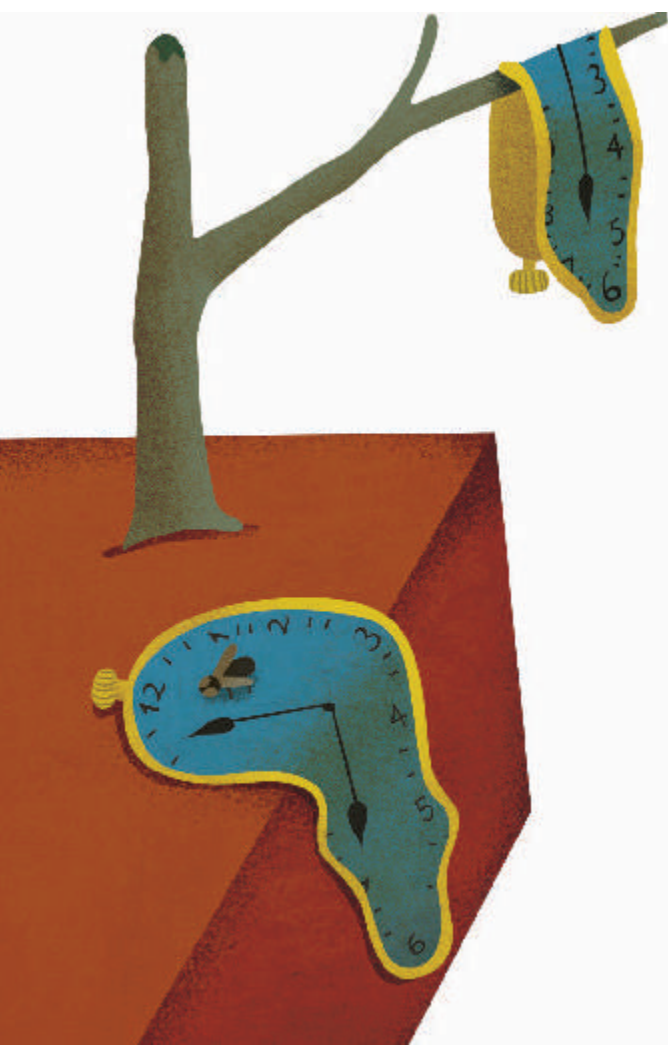
Adoro cinema. Quem não gosta? Aposto que você não sabe que fiz um roteiro e 153 desenhos para uma animação do Walt Disney, chamada Destino. Você pode assisti-la no YouTube. Trabalhei inclusive com o mestre do suspense, Alfred Hitchcock, no filme Quando fala o coração (Spellbound), estrelando Gregory Peck e Ingrid Bergman. Para bolar a sequência de um sonho, é claro que ele tinha que me convidar:

Desenhei a cena de um salão de baile com 15 pianos pendurados no teto, mas acharam que era muito complicado filmá-la e os produtores cortaram. Que pena! Também acho que não gostaram muito da ideia da atriz estar coberta de formigas vivas. Por que será?

Mas filmaram os olhos gigantes que criei. No filme, o ator conta para a analista o que havia sonhado: "Parecia como um salão de jogos, mas não tinha paredes... apenas muitas cortinas com olhos pintados. Um homem cortava as cortinas com uma enorme tesoura".



Todo grande pintor tem uma musa inspiradora. Aos 25 anos de vida, conheci a minha; Elena Dimitrieva Diakonova. Ou simplesmente “Gala”. Chamava-a de muitos outros apelidos carinhosos, como “Gradiva” (como a heroína de um livro), “Oliva” (pelo formato oval de seu rosto, como uma azeitona, e pela cor da sua pele), “Oliveta” (diminutivo de Olivia) e “Abelha” (porque descobria e me trazia todas as essências que se convertem em mel na colméia do meu cérebro). Quando ficava brava rugia como um leão. Nessas ocasiões eu implicava e dizia que ela era “Lionette”. Gala era russa e 10 anos mais velha do que eu. Você acredita em amor à primeira vista? Pois foi assim. Gala está em minhas telas como Virgem-Maria, como deusa, e até como composição atômica. Pintava Gala deitada e em pé, nua e vestida, de frente e de costas (e que costas mais lindas!).



Em 1931, num dia quente, eu estava sentando diante dos restos de uma refeição, quando notei que o queijo camembert havia derretido e começado a se espalhar além das bordas do prato. Inspirado, pintei *A persistência da memória*. Nessa tela, os relógios derretidos simbolizam a angústia da passagem do tempo. Uma vez me perguntaram por que pintava relógios derretidos. Respondi que o importante não era que fossem moles ou duros, mas que marcassem a hora certa. Concorda?

Aliás, que horas são? Hora de fazer mais uma das minhas estripulias e chocar todo mundo. Sempre fui muito excêntrico. Na abertura de uma exposição surrealista em Londres, apareci vestido com roupas de mergulho. Numa outra vez, fiz uma conferência com um pedaço de pão sobre a cabeça. Servido?

E por falar em horas: “É tarde! É tarde! É tarde até que arde! Ai, ai, meu Deus! Alô, adeus! É tarde, é tarde, é tarde!” Assim reclamava o coelho branco de Alice, que também usava um relógio de bolso, bem parecido com o meu (antes de derreter). Pinteí umas aquarelas surreais para Alice no País das Maravilhas, o livro sobre a menina que viveu o mais incrível sonho acordada.

Quando eu tinha 35 anos, André Breton me expulsou do movimento surrealista. Dei de ombros. Nem liguei e declarei: “O surrealismo sou eu”.

Aos 37 anos escrevi A vida Secreta de Salvador Dalí, minhas memórias. Normalmente os escritores começam a escrever suas memórias depois de viverem suas vidas. Mas, com meu vício de fazer tudo diferentemente dos demais, achei que era mais inteligente começar escrevendo minhas memórias, e vivê-las depois.

E agora que você já me conhece, vou indo!



Patrocínio

Banco do Brasil

Realização

Centro Cultural Banco do Brasil

Produção

Graviola Promoções e Eventos

Coordenação Geral

Daniela Chindler

Coordenação Pedagógica

Alexandre Diniz

Coordenação Ações Educativas

Adriana Xerez

Consultoria em Mediação

Marcelo Augustinho

Coordenação de Produção

Fernanda Saul

Flávia Rocha

Gabriela da Fonseca

Graziela Domingues

Administrativo

Cristiane Leal dos Santos

Direção do Grupo de Artes Cênicas

Augusto Pessoa

Supervisão Operacional

Angélica Rosa

Caroline Stambowsk

Thaiane Dutra

Educadores Randstad

Beatrice Volgari

Carolina Angelici

Fabiano César

Luan Castelucci

Thaís Spinola

Educadores Graviola

Camila Alves

Roberto Campanerut

Leandro Finotti

Luiza Mayall

Estagiários

Bárbara Becker

Beatriz Baptista

Camila Oliveira

Caroline de Assis

Caroline Lucena

Diego Costalonga

Fernanda Ribeiro

Jorge Vinícius

Luciana Grizotti

Patricia Gonçalves

Robson Rosa

Vânia Montanher

Caderno produzido para a exposição Salvador Dalí
CCBB Rio, de 28 de maio a 22 de setembro de 2014

Texto

Daniela Chindler

Roteiro

Alexandre Diniz

Pesquisa

Adriana Xerez

Daniela Chindler

Colaboração

Cristiane Leal dos Santos

Ilustrações

Bruna Assis Brasil

Revisão

Khalil Naime

Rafael Zacca

Tradução

Guilherme Simas

Projeto Gráfico

André Ferreira Lima

Salvador Dalí**Curadoria**

Montse Aguér

Organização

Instituto Tomie Ohtake

Página 18

Salvador Dalí

O pé de Gala (El pie de Gala), 1975-76

Óleo sobre tela

60 x 60 cm

Fundació Gala-Salvador Dalí, Figueres

© Salvador Dalí, Fundació Gala-Salvador Dalí, AUTVTS, Brasil 2014

Ministério da Cultura presents
Banco do Brasil presents and sponsors

IN DALÍ'S DREAMS



Story
Daniela Chindler
Storyline
Alexandre Diniz
Illustrations
Bruna Assis Brasil

How can we tell if we are dreaming or awake?

This is a story that features fantastic landscapes, places that have become real. Or even better, a lot more than real, surreal. And in order to meet them we will travel through space/geography.

Our compass will be this pocket watch. Yes, a long time ago it used to be stylish to wear watches in the coat pocket.

Are you ready? Let's turn the hands of our watch backward, toward the year 1450. Adjust the hands to go 564 years back in time! We're going to the region we now know as the Netherlands, at the time of the Renaissance.

Are you all set? But wait a minute. Since we're going to land in an artist's studio, we better learn a little bit about the painting themes of that time before we even take off. Imagine that in the 15th century there were no cameras. So the painters dedicated themselves to paint portraits. And who could afford to have their portrait painted? Kings, queens, princes, dukes, counts, barons (the nobles, in general), the rich men who worked in the trade business (the bourgeoisie) and the priests of the church (the clergy). In addition to portraits, another theme of the Renaissance painting was the scenes from the bible. There were few people who could read and write, so the church had the bible passages painted for all to see. And there were some rules to the religious paintings, for example: when saints appeared, they should be far greater than the ordinary men, to display the difference between divine beings and the common people.

Okay, now we're ready! Three, two, one and here we go!

In 1450, a man named Hieronymus Bosch was born in the Netherlands. They say that he never left his hometown, but created a whole new world inside of it. How can this be?

Bosch was a painter and a Flemish. Well, that's how the people born in that region were known back then. The Flemish paintings had their portraits and scenes inspired by the everyday life. Bosch, however, as most of the Italian painters of his time, also devoted himself to paint scenes from the bible. He portrayed the story of Adam and Eve being expelled from Eden, the Paradise, because they ate the forbidden fruit, they bit the apple.

The painting is called "The Garden of Earthly Delights" and it features a Unicorn – an animal that men believed to exist and which represented purity –, and other animals that the artist may never have seen for himself, but may have heard of – such as the giraffe and the elephant –, and characters that seem to have jumped right out of a fairy tale, such as a three-headed bird. This Bosch landscape was quite different from the other religious paintings at the time! It could have been a dream or maybe a nightmare. In this same scene there are mysterious constructions: huge strawberries, something that appears to be a pink fountain, a pair of giant ears and a bird sitting on a chair that swallows people. Perhaps the strangest is a creature that looks like a collage, because it has the head of a man, an eggshell body, tree trunk legs and boats instead of feet.

What if you drew your very own dreamy landscape? We have here one of Bosch's mysterious constructions. You can choose from the other figures aside and mix them in with your drawing

Now let's adjust the hands of the watch 468 years forward.

The world goes around and time goes by. We are in Switzerland, during the First World War (1914-1918). Europe was devastated and hopeless. The war had lasted four years and involved 18 countries. Entire cities were destroyed and a huge number of people had died, not only soldiers, but also civilians! It was then that a group of artists began to say that it was absurd to believe in reason, since it was precisely reason and order that had taken the world into a war so terrible!

Have you ever felt like everything was just wrong and felt like changing it all? That was exactly how these artists, gathered in the city of Zurich, Switzerland, felt. They created a movement called Dadaism. Or simply Dada.

Legend has it that the name Dada was chosen by a group of people who opened a German-French dictionary, flipped through the pages and randomly landed in the word Dada... Dada is the French word for hobbyhorse. It's also the first babble mouthed by babies: DADA... DADA... DADA...

I present to you now: Tristan Tzara, a Romanian-French poet. His stage name meant "sad on Earth" and was chosen as a reminder of the mistreatment of the Jewish people in his native Romania. Tristan Tzara wrote the Dada manifesto. A manifesto is a way in which a group of people express their thoughts and disseminate their ideas to a large number of people. Politically, it was a protest against a civilization that wasn't able to avoid war and destruction. They wanted an art form that didn't resemble the past, but, on the other hand, they had no optimism about the future. They denied everything without coming up with new proposals.

The movement spread to many cities and arrived in the United States. The presentations and demonstrations of the Dadaist groups were organized to shock the public, they were scandalous. The Dadaists wanted to confuse... They used to say that true art would be anti-art. Freedom was a step closer: Dada Dada Dada.

Tristan Tzara's recipe to write a Dadaist poem:

Pick up a newspaper and a pair of scissors. Choose a newspaper article with the length that you want to give your poem and cut out the words. Put the words in a bag and gently shake. Then, remove the clippings one after another. Copy them down in the exact order in which the words are taken from the bag. The poem will look like you. You will be a creative writer, even if some people don't understand you..

Would you like to write your poem now?

Who could imagine that a urinal (that's right, the toilet that men use to make a pee pee) turned upside down could be exposed in an art gallery with the title Fountain? Or a bicycle wheel installed on a stool would become the work Bicycle Wheel (1913). That's what the painter and sculptor Marcel Duchamp did. He removed objects from our daily lives, like a rack of bottles or a bicycle wheel, and took them to the galleries, exposing them as works of art. He took these objects out of their normal places and functions and turned them into something else, demonstrating that an object was considered art depending on the place in which it was exposed. These are called ready-made objects. Duchamp, on account of his experimentation and radical ideas about art is associated with Dadaism.

Duchamp also made his critique by modifying valuable and famous paintings. And how did he do that? The renowned painting Mona Lisa, for example, was transformed into a whole new work of art when he copied it and added a moustache and goatee to her face.

And why are we talking about Dadaism in this book? Since the Dadaists denied everything they ended up denying their own movement, which... shortly enough was over. Many artists who participated in Dadaism went to Surrealism. Oh, here we are talking about this subject again..

In 1917, in the city of Paris, the writer Guillaume Apollinaire went to the theater to watch the ballet Parade, a spectacle of Russian Ballet from the libretto by Jean Cocteau. Libretto is an Italian word that means little book. The libretto is used in operas and ballets, and includes both the script of the play and the music scores.

The story of Parade takes place in an amusement park featuring street and circus artists. Among the characters there are fire eaters, clowns, acrobats and a little girl. The composer Erik Satie used sound effects within the music, which was very unusual at the Ballet. The sound of a typewriter typing, sirens and gunshots are some of the many strange sounds heard during the show. Even milk bottles (at that time milk didn't come in cartons) were employed to produce sounds.

The sets and costumes were created by the renowned painter Pablo Picasso. Picasso drew huge costumes using the geometric shapes of buildings and skyscrapers. Imagine a dancer dressed like that! The suits were uncomfortable and were intended to be clumsy, with dancers stepping onstage as robots to express the modern mechanized and dehumanized world.

After the presentation, Apollinaire, astonished, said that the show was truth above reality. "Sur", in French, means "above". And that's how the word "surreal" was invented.

After that the hands of the clock ticked and time went by, but just a little bit..

Let's go to 1924, when the poet Andre Breton wrote the Surrealist Manifesto. Remember that Dadaism also had a manifesto?

This manifesto says that Surrealism is a path towards a mental world of infinite possibilities. It's just as if we could find a spot in our minds where the real and the imagined, the past and the future, the front and the back, the high and the low, cease to be contrary or different and become one thing. Do you know when you have a dream that doesn't appear to make any sense? The Surrealists wanted to show this world in texts and images they produced.

That's where I step in on the story. Who am I? Well, take a look at my moustache! Have you guessed? Salvador Dalí. Yes, I'm here! I bet you were expecting me! Let's pick up where we left off. I joined the Surrealist movement with my painting Lugubrious Game (1929). I was 25 years old. If you look "lugubrious" up in the dictionary, the entry indicates mournful and death or funeral related — macabre. Felt a shiver down the spine with the title? I would like you to think of it more as a strange game.

We, the Surrealists, used everyday life objects to create sculptures, like Duchamp. My sculptures were like three-dimensional collages (with height, width and depth). Imagine a collage that is not made with paper and glue, but with objects that you have lying around the house. Want to see what I mean? Once I picked up a phone and a lobster — that's right, a crustacean — and, boom, there was one of my works. My sculptures create delusional fantasies. This phone works, by the way: ring ring... A friend bought four of them for his home. Hello? Who is it? This is Dalí.

How about assembling your own surrealist objects in a blank sheet?

The Surrealists sought to discover the things inside our minds that we can't find while awake and using reason. Imagine that our brain is a closet and there are things stored in it that we can't find. Do you know what we did to try to find this mysterious place inside of us? We did experiments, such as hypnosis. You must have seen it in cartoons, when a character is put to sleep with a watch that swings from one side to the other, from one side to the other and... boom, the person seems to be sleepwalking? The hypnotized person answers questions in such a way that maybe he wouldn't be able to do in another state of mind, because the answers are hidden deep down inside of us. Another thing that we used to do was to play games with words spoken and written quickly, without any time for thinking.

Let's try out a game that we used to play. It's called *Cadavre Exquis*. In English would be called "Exquisite Corpse". Did you like the name? Whoo-oo! No need to get goose bumps. We can play it like this: four people create phrases or collective designs, each one provides a word or a part of a character's body (head, torso, legs and feet), always folding the paper to hide their contribution. The result is a matter of chance. Do you know the painter Miró? I believe that's how some of his works have been created. It was Miró who introduced me to the group of Surrealists.

Shall we play? Who was it? Each person must write down their answer on a piece of paper, fold it to hide the answer and pass the paper forward. What was it doing? Write it down and pass it along. With whom? Respond and pass. Where was it?

At the end, unfold the papers and read the phrases.

With drawings we can use the same technique, but each person draws a portion of the body. In the end, we should have several weird bodies, exquisite corpses! The title of the game comes from one of the first sentences formed, "The exquisite corpse will drink/ the new wine".

The other surrealists and I used to portray dreams and nightmares. I always said that my screens are "hand-painted dream photos". Did this remind you of Bosch's painting in the beginning of this notebook? He also wondered by this land where dreams and nightmares are brothers. What about Freud, have you ever heard of him? Another mustachioed (and bearded) guy interested in dreams!

Sigmund Freud was a doctor who studied patients who suffered from psychiatric problems. As a detective, he had the bright idea of investigating the dreams of his patients. Freud noticed that dreams are like pieces of a puzzle and reveal who we are, our fears, anxieties and desires. He also discovered that dreams are sort of a key to the door of the unconscious. Do you know that word? Un + conscious (remember un + done = undone): unconscious is that which is not conscious. Freud said that there are forgotten events of reason that are just stored somewhere in our heads. These memories are not accessible when we're awake or aware, they are stored in our unconscious.

And of course I wanted to have a chat with Sigmund. I even took one of my paintings with me to show Mr. Freud, *Metamorphosis of Narcissus*. He was the man who was studying the dreams and I was the man who was painting them! I said that Sigmund Freud's brain had the form of a snail. I don't know if he liked that comment, but I was a big fan of his since I read "The Interpretation of Dreams". I even have a painting called *Dream*, the one that is in the cover this book that you are reading right now. In 1939 (wow, time flies) I travelled to London in order to meet him. I was 35 years old and he was 83. Freud had fled from Germany and was exiled in London. World War II had begun.

Now comes the best part of this book. My life!

Do you know what are the two most fortunate things that can happen to a contemporary painter? First, to be Spanish. And, second, to be called Dali. Both happened to me.

I was born in the city of Figueres, Catalonia, in Spain, in May 11, 1904. They named me Salvador Felip Domingo Jacint Dalí i Domènech, a long name just like the whiskers that I would have in the future. I had an older brother who died months before my birth, also called Salvador. When I was five years old my parents told me that I was his reincarnation. I was pretty confused.

Mommy and Daddy spoiled me. They attended to of all my whims. Maybe that's why, in addition to the sailor outfit, I loved to dress up as a King. When I was six I wanted to be a cook, but I was scared to death of lobsters (don't tell anyone). At the age of seven I wanted to be Napoleon, and since then my ambition has been increasing incessantly. Every morning I experience a delicate joy - the joy of being Salvador Dali - and wonder, in ecstasy: what wonderful things will Salvador Dali accomplish today? They say that I like to show off. And I must confess: it is true!

I started painting when I was young. I was 13 years old when dad organized a family exhibition of my charcoal drawings. At the age of 18, I went to Madrid to study at the Academy of Fine Arts. I think I was a little bit unruly. Once I refused to take the Theory of Fine Arts exam because I felt that no teacher was competent enough to judge my work. In a painting class, the teacher proposed that we use a statuette of the Virgin Mary as a model and I drew a scale. Long story short: I got kicked out of the Academy! Well, I guess these things just happen, to me anyway.

It was at the student's residence that I met the poet Federico García Lorca, and soon became best friends with him. I painted the screen Honey Is Sweeter than Blood in his honor, and do you know who

would end up buying the painting? The fashion designer Coco Chanel, another friend of mine. But unfortunately this painting went missing. What a shame... It would be worth a fortune. The sketch of the painting was auctioned, in 2006, for 11 million dollars. I bet you were blown away!

On my first trip to Paris at the age of 22, I met Pablo Picasso and we talked for hours. I was a big fan of his. So I said respectfully: I wanted to meet you before I visited the Louvre Museum. And Picasso replied: well done!

Take a look at my mustache: It wasn't always this long!

In the 1920's it was usual to wear a rigorously trimmed moustache and that was how I wore mine.

I adopted the thin and pointy mustache to attract people's attention... and guess what? It worked! I was inspired by the Spanish painter Diego Velázquez, born in the 17th century. I think Velázquez also enjoyed drawing attention, because he painted himself within the scenes he was portraying. I've done that too, you will see it in a few minutes, turning a few pages. I painted this screen when I was 60 years old, and it's called The Apotheosis of the Dollar, you can see me turned on my back, dressed in a black robe and a white collar. In my house in the small town of Portlligat I hanged on one of the walls several pictures of famous people wearing a mustache, among them the King of Spain Felipe IV, the Russian Stalin (he had a really thick one) and, of course, Velázquez! Fashion tip: fix the mustache with sugar date pomade, infallible!

I also made friends with the filmmaker Luis Buñuel. One day, we were in a restaurant and he told me about a dream he had with a cloud cutting the moon, like a blade cutting through an eye. You know that if the subject is bizarre stuff, I'm the master. I replied telling him about one of my own dreams with ants coming out of a hand. Ants are always present in my work, they say it represents decay...

Soon we realized that we were "soul mates", that we thought alike, and we decided to shoot *Andalusian Dog* (1929). We agreed that no image that had a rational explanation could be used. We thought people would boo the film and criticize us. So we prepared ourselves to fight back. But the viewers loved the movie! Can you imagine that? We wanted to shock the public and everybody liked it..

I love movies. Who doesn't, right? I bet you never knew that I wrote a screenplay and made 153 drawings for a Walt Disney cartoon called *Destino*. You can watch it on YouTube. I also worked with the master of thriller, Alfred Hitchcock, in the movie *Spellbound* starring Gregory Peck and Ingrid Bergman. To come up with ideas for shooting the scenes of a dream, of course he had to invite me.

I drew a ballroom scene with 15 pianos hanging from the ceiling but they thought it was too complicated to film so the producers cut it. What a pity! I also think that they didn't like the idea of an actress covered in ants. Why might that be?

But they did film the giant eyes I created. In the movie, the actor tells his therapist all about his dream: "I seemed to be in a gambling house, but there weren't any walls, just a lot of curtains with eyes painted on them. A man was walking around with a large pair of scissors cutting all the drapes in half".

Every great painter has a muse. With 25 years of age, I met mine; Elena Diakonova Dimitrieva. Or simply Gala. I used to call her by many other affectionate nicknames, such as *Gradiva* (after the heroine from the book), *Oliva* (because of the oval shape of her head, like an olive, and also the color of her skin), *Oliveta* (tiny olive) and *bee* (because she discovered and brought to me all the essences that became honey inside the hive of my brain). When she got mad she roared like a lion. On these occasions I used to peeve and say she was *Lionette*. Gala was Russian and 10 years older than me. Do you believe in love at first sight? Because that's just how it happened. Gala is in my paintings as *Virgin Mary*, *Goddesses* and even as an

atomic composition. I used to paint Gala lying and standing, naked and dressed, front and back (she had the most beautiful back!).

In 1931, in a hot day, I was sitting in front of the remains of a meal, when I noticed that the camembert cheese was melted and had begun to spread beyond the edges of the dish. Inspired, I painted *The Persistence of Memory*. In this screen the melted watches symbolize the anguish of the passage of time. Once I was asked why I painted melted watches. I replied that the important thing was neither the softness nor hardness of the watch, but the fact that it works properly. Wouldn't you agree?

In fact, what time is it? It's time to make another one of my antics and shock everyone. I've always been very eccentric. Once, at the opening of a Surrealist exhibition in London, I showed up dressed in a diving suit. This other time, I attended a conference with a loaf of bread on top of my head. Help yourself!

Speaking of time: "I'm late! I'm late! For a very important date! No time to say hello, goodbye! I'm late! I'm late! I'm late!" claimed Alice's white rabbit, who also wore a pocket watch, very similar to mine (before it melted). I painted some surreal watercolors for Alice in *Wonderland*, the book about the girl who lived the most incredible daydream.

When I was 35 years old, Andre Breton kicked me out of the Surrealist movement. I shrugged and declared: "I am Surrealism".

When I was 37 I wrote *The Secret Life of Salvador Dalí*, my memoir. Usually writers begin to write their memoirs after having lived their lives. But, considering my addiction on doing everything differently from the others, I thought it would be smarter to write my memoirs first, and live them later.

Well, now that you got to know me, I'll take off.







Realização

Ministério da
Cultura

 LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS

 facebook.com/ccbb.rj

 twitter.com/ccbb_rj

